

Por que é preciso ler e estudar José Comblin?

Why is it necessary to read and study José Comblin?

Edelcio Ottaviani

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil

Anderson Frezzato

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - Brasil

Resumo

Este artigo procura mostrar a importância do pensamento e da prática de José Comblin, teólogo belga radicado no Brasil, para o atual contexto eclesiológico. Tendo como alvo preferencial as novas gerações de cristãos, ele apresenta os temas centrais da teologia combliniana que, a nosso ver, necessitam ser retomados para fazer frente aos grandes desafios da sociedade contemporânea - às igrejas cristãs e, em especial, a Igreja Católica Apostólica Romana. No desenvolvimento do texto, resgatou-se eixos centrais da pneumatologia combliniana, a saber: a Vida, a Palavra, a Liberdade, a Ação e a Comunidade/Povo de Deus. O artigo se propõe a tornar mais conhecida e, por consequência, mais estudada a obra de um teólogo que muito contribuiu para a renovação pastoral da Igreja Católica Latino-Americana, sobretudo em ambiente urbano, e para o resgate da missão em regiões onde a presença do clero se faz menos presente.

Abstract

This article tries to show the importance of the thought and practice of the work of José Comblin, a Belgian theologian settled in Brazil, for the contemporary ecclesiological context. Having as preferential aim the new generations of Christians, it presents the central themes of the Comblinian theology, which, we consider, need to be retaken to face the great challenges that current society presents against the Christian churches, especially the Roman Apostolic Catholic Church. In the development of the text, central axes of the Comblinian pneumology have been regained: Life, the Word, Freedom, Action and the Community/People of God. The text strives to make him better known, and consequently more studied, as he is held as a theologian that contributed a great deal to the pastoral renewal of the Latin American Church, particularly in its urban environment, and in regions where the presence of the Church is less felt.

Palavras-chave

Teologia.
História.
Ação.
Jesus Cristo.
Espírito Santo.

Keywords

Theology.
History.
Action.
Jesus Christ.
Holy Spirit.



Introdução

Em decorrência da comemoração dos 100 anos do nascimento de José Comblin, nascido em Bruxelas, Bélgica, em 22 de março de 1923, e falecido em Simões Filho, Bahia, em 27 de março de 2011, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Universidade Católica do Recife (UNICAP) promoveram a IV Jornada de Estudos dedicada ao autor.

O tom dessa jornada visou não somente incentivar o debate em torno da vida e obra do autor, tornando conhecida sua importância para o debate teológico latino-americano, como também aprofundar os grandes desafios relacionados aos temas teológicos atuais, apontados por ele na última década de sua vida. Tais desafios, que o cristianismo terá que enfrentar nas décadas vindouras, colocam em relevo temas da tradição teológica que necessitarão de uma nova interpretação para que façam sentido às novas gerações.

Comblin estava convicto de que a tradição teológica cristã, sem resvalar em dogmatismos e tentativas equivocadas de exercício de poder e controle sobre as consciências, tem algo de fundamental a oferecer às autoridades civis para a condução justa de seus governos, à salvaguarda da dignidade humana, o equilíbrio ambiental e a paz no planeta. Sem ser um expoente da ecoteologia, seus últimos escritos apontavam para a ecologia como um dos principais desafios apresentados ao pensamento teológico atual, juntamente ao sentido da Criação, da Revelação, de Deus, da ação do Espírito na História, da Missão, da pessoa de Jesus Cristo (Cristologia), do papel da Igreja Católica no Mundo (Eclesiologia), dos Pobres, da Bioética e da leitura dos Sinais dos Tempos.

Este artigo tem por objetivo fazer chegar às novas gerações³ recortes das reflexões pneumatológicas e cristológicas de José Comblin, pautadas sobre os cinco temas que ele julgava serem os pilares de um projeto de evangelização efetivamente libertador, a saber: a Vida, a Palavra, a Liberdade, a Ação e a Comunidade/Povo de Deus (Comblin, 2007, p. 8).

A vida

Ao apontar a luta contra a morte como a missão por excelência do Espírito Santo, Comblin (2007, p. 40) diz que os seres humanos participam do

poder criador de Deus ao entrar na luta imensa de reconquista da vida. Enviado por Jesus, após a sua ressurreição, o Espírito nos faz reconhecer que podemos não somente viver, mas produzir vida, desde que sigamos os passos do Filho de Deus, encarnado na história humana. Apesar de nossa precariedade, somos convidados pelo Nazareno a entrar numa dinâmica de ações capaz de construir um mundo novo onde a vida triunfará definitivamente sobre a morte. Impulsionada pela fé nas promessas de Jesus, tão bem explicitadas no livro do Apocalipse, uma parte significativa dos povos latino-americanos descobriu, para além da precariedade de suas vidas, o sentido da Palavra de Deus como geradora de um modo de viver capaz de vencer as forças da morte.

Historicamente instituída pela exploração inescrupulosa dos colonizadores ibéricos sobre os povos originários e os povos escravizados da África, a gritante desigualdade social que marca negativamente o continente latino-americano é fruto de uma mentalidade que coloca os interesses pessoais e oligárquicos acima do bem comum. É o que pouco a pouco foi sendo desvelado pelas Conferências Episcopais da América-Latina e do Caribe, embasadas nas pesquisas teológicas que se desenvolveram no continente latino-americano após o Concílio Vaticano II. Tendo como seiva a Universidade Católica de Louvain (UCL), onde lecionaram Gustave Thils e Lucien Cerfaux, ilustres professores de José Comblin, o pensamento teológico latino-americano (a Teologia da Libertação e sua vertente argentina, a Teologia do Povo) desenvolveu-se como resposta ao aggiornamento proposto pelo Papa João XXIII. Esse aggiornamento, efetivado pela II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), realizada em Medellín, apresentou-se como uma boa notícia para a grande massa de empobrecidos das nações latino-americanas e como uma palavra profética dirigida às oligarquias do continente.

Durante o século XIX, as críticas dos “filósofos da suspeita” - Marx, Freud e Nietzsche -, no dizer de Paul Ricoeur, haviam mostrado a outra face da estrutura religiosa (Comblin, 1998, p. 252). Respectivamente, esses pensadores tornaram explícitos os mecanismos de alienação, de profusão de neuroses e de exercício de poder sobre a consciência, privando de autonomia

aqueles que viviam sob os ditames de uma religiosidade burguesa. Este modo de exercer a religião - pautado em discursos racionais, logicamente articulados em torno a um ser humano idealizado, mas distante das condições de vida das pessoas reais - canalizava as forças do gozo e as potências vitais inerentes à condição humana para os interesses da sociedade industrial. A religião oferecia somente um alento, quem sabe um sentimento de alívio momentâneo para os corpos disciplinados e incessantemente explorados em jornadas de 14 ou 16 horas de trabalho pesado.

A obra *O Germinal* (1885), do escritor francês Émile Zola, e o filme *Daens* (1992), do cineasta belga Stijn Coninx, mostram tanto as condições desumanas dos empregados nas minas de carvão quanto das crianças e adolescentes entre as máquinas manuseadas pelas tecelãs, à cata dos restos de lã que caíam dos teares. As conquistas trabalhistas que lançariam as bases do Estado de Bem-Estar Social (Welfare State) na Alemanha ainda não eram uma realidade palpável à grande massa que migrava do campo para a cidade. O espírito antimodernista dos Papas Pios condenava as práticas e ideias que procuravam interceptar essa rede de exploração e dominação, afastando de si, como bem faz notar Comblin, a classe operária. Tal condenação não somente legitimava o status quo que privilegiava a classe burguesa, como também alimentava o espírito anticlerical e secular da segunda metade do século XIX e que se estenderia à primeira metade do século XX por toda a sociedade europeia. O método histórico-crítico, aplicado na exegese bíblica por Lucien-Cerfaux, procurava responder a essas críticas ao trazer à luz o caráter libertador e profético da pessoa de Jesus Cristo, que denunciou as injustiças cometidas pelas autoridades civis e religiosas de sua época. A Teologia das Realidades Terrestres, de Gustavo Thils, inspirava-se, por sua vez, na autoridade das Escrituras e na tradição eclesial e procurava anunciar e vivenciar a mensagem evangélica nas estruturas econômicas e políticas de nosso tempo, “colocando o acento sobre o papel de mediador do Cristo na criação, dando a esta última um valor de redenção” (Bosschaert, 2016, p. 318). Para Gustavo Thils, “o Verbo se incarnou para ‘consagrar o mundo’” (1947, p. 102).

Enquanto ciência e, ao mesmo tempo, palco da ação do Espírito em sua saga de tornar divina a condição humana à luz da práxis de Jesus, a história tornava-se parceira fundamental da reflexão teológica em sua tarefa de atrair todas as nações para a prática da justiça e a defesa do direito dos pobres, pressuposto para uma cultura de paz e alegria, da qual o Povo de Deus, com sede no Monte Sião, é o precursor:

Põe-te de pé, resplandece, porque tua luz é chegada, a glória de lahweh raia sobre ti. Com efeito as trevas cobrem a terra, a escuridão envolve as nações, mas sobre ti levanta-se lahweh e sua glória aparece sobre ti. As nações caminharão na tua luz, e os reis, no clarão do teu sol nascente (Is 60, 1-4).

A vida dos pobres, defendida incessantemente pelos profetas, na fidelidade mais pura à tradição vétero e neotestamentária, tornou-se a fonte de inspiração para a Teologia Latino-Americana. Muito embora a tradição teológica louvainense tenha sido o berço, as condições sócios-econômicas do Continente prepararam o terreno para o nascimento de uma teologia e de uma práxis pastoral originalmente latino-americanas. Estas, por sua vez, tornaram-se fonte de inspiração para todas as nações cujos pobres clamam a Deus por libertação, por sofrerem os reveses do processo desenvolvimentista dos países do Primeiro Mundo. Os profetas da América Latina não cessaram de denunciar a conivência dos chefes das nações autóctones com os interesses econômicos e imperialistas das nações mais ricas, subvertendo as estruturas democráticas e instaurando práticas e sistemas de governo autoritários. Cada uma a seu tempo, as obras de Comblin - *A Teologia da Revolução* (1970), *A Ideologia da Lei de Segurança Nacional* (1978) e *O Neoliberalismo* (2000) - procuraram mostrar o caráter revolucionário do Cristianismo.

Em *A Teologia da Revolução*, Comblin mostra que a Revolução não está necessariamente ligada à violência, mas está na base de uma mudança gradual e ininterrupta das estruturas sociais, econômicas e políticas. Nesse livro, Comblin procura mostrar, com o auxílio da ciência histórica, que a reforma introduzida pelo Papa Gregório VII, no século XI, rompeu com o direito às investiduras por parte do dirigente do Sacro Império Romano-Germânico; estabeleceu a separação entre Igreja e Estado (unificados na era

constantiniana); transferiu ao Papa o poder absoluto sobre a Igreja e se tornou o gérmen das revoluções europeias.

Em *A Ideologia da Segurança Nacional*, por meio de uma árdua pesquisa desenvolvida nos Estados Unidos, Comblin discorre sobre como e onde foi gestada a Doutrina da Segurança Nacional (DSN), que funcionou como dispositivo de dominação em vários países latino-americanos. Gestada pela CIA (Central Intelligence Agency), que servia aos interesses econômicos das empresas norte-americanas e, conseqüentemente, ao governo norte-americano, a Lei de Segurança Nacional (LSN), aplicada no Brasil, faria do próprio Comblin *persona non grata* em território nacional e alvo de investigações pelo DOI-CODI, corroborando na sua deportação em 1972. O fato de simplesmente criticar as políticas sociais ou econômicas, ditadas pelo governo ditatorial, era tido como fator desestabilizador do Estado e, portanto, passível de prisão, sem julgamento público. Por meio dessa pesquisa, Comblin deixava entrever que o princípio de Clausewitz, “a guerra não é mais do que uma continuidade da política através de outros meios”, fora invertido e se tornara nos países sob regime ditatorial: “a política não é mais que uma continuidade da guerra por outros meios”. Assim, procurava-se neutralizar não somente as práticas políticas, mas também toda a fala que tivesse um viés político, contribuindo para a apatia e alienação da maior parte da população.

Em *O Neoliberalismo*, Comblin procura mostrar como essa doutrina econômica não é uma retomada pura e simples do liberalismo, alastrando-se pelo mundo após a queda do Muro de Berlim. Em consonância com teóricos e pensadores de outras áreas que analisaram os dogmas e discursos neoliberais (Klein, 2009), assim como suas estratégias de condução de condutas (Foucault, 2008a), Comblin mostra como o neoliberalismo, que tem por berço a Universidade de Chicago, desenvolveu-se como um projeto econômico que visa a um enriquecimento exponencial dos detentores do capital, transcendendo os interesses e os limites territoriais de uma determinada nação. De âmbito multinacional, grupos econômicos pressionam os governos a votarem leis que beneficiem sua sede de lucro a qualquer preço; apostam cada vez mais na automação e exploram à exaustão os trabalhadores que

sabem articular os conhecimentos adquiridos com os mais recentes avanços da era digital (Han, 2021). Sem escrúpulos, tais grupos descartam como dejetos uma maioria excluída dos meios de produção. Tal maioria passa a viver das migalhas dos projetos sociais, sem se dar conta de que tais projetos, apesar de sua real necessidade, fazem parte de uma estratégia de contenção de uma possível insurreição social. Nesse livro, Comblin mostra, tal qual Naomi Klein, como esse sistema econômico, servindo aos interesses das oligarquias econômicas e contrário ao Estado de bem-estar social, necessita de um governo forte para ser implantado, tal qual ocorreu no Chile após o Golpe de Estado orquestrado por Pinochet, em 11 de setembro de 1973.

A história torna-se, então, o palco onde se desenrolam os dramas que atingem a parte mais pobre da população mundial e, ao mesmo tempo, o cenário em que pode ser notada a ação do Espírito Santo de Deus em defesa dos direitos dessa mesma população. Segundo Comblin, o Espírito age na história por meio da ação humana e não há outro modo pelo qual podemos perceber sua ação. No entanto, nem toda ação provém do Espírito. Dessa afirmação, decorrem algumas questões: como discernir as ações que são movidas pelo Espírito? Quais são os critérios estabelecidos pela tradição cristã para que se possa perceber tais ações?

Para Comblin, foi o espírito profético da Igreja Latino-Americana que teve a coragem de anunciar ao mundo secular, por meio da Conferência de Medellín (1968), que é a Palavra de Deus, presente na tradição judaico-cristã, o critério por excelência para discernir as ações e os acontecimentos históricos que são movidos pelo Espírito Santo de Deus daqueles que não o são. Contrariamente aos livros de história, que em sua maioria contam a saga dos vencedores, as Sagradas Escrituras, desde o Antigo até o Novo Testamento, contam, especificamente, a história dos pobres e como este povo pobre foi eleito por Deus para ser o sujeito de uma nova humanidade (Comblin, 1986, p. 19). Mas o que diz, efetivamente, a Palavra de Deus? Como distingui-la em meio aos condicionamentos históricos e as influências ideológicas daqueles que a transmitem ou a anunciam? Eis aí o desafio que Comblin procura enfrentar ao analisar a força transformadora da Palavra que suscita a ação do Espírito rumo à construção do Reino de Deus.

A palavra

O momento histórico atual está cheio de paradoxos. O presidente da maior economia do mundo, Donald Trump, no vídeo de lançamento de sua campanha para a Casa Branca (Jornal da Record, 2024), declarou que os Estados Unidos da América (EUA) precisam ser novamente cristianizados e que a Palavra de Deus precisa ser lida. Entretanto, na primeira semana após ter tomado posse de seu segundo mandato, decretou a deportação de milhares de imigrantes em situação ilegal, com passagem pela polícia, muito embora suas infrações não fossem consideradas efetivamente um crime (CNN, 2015). Não bastasse, Trump revogou direitos conquistados pela comunidade LGBTI+, assim como o direito de cidadania para filhos e filhas de imigrantes nascidos no país. De forma espetacular, enviou ao Brasil cerca de 150 pessoas providas de vários países latino-americanos (88 brasileiros no total) algemados nas mãos e nos pés, desconsiderando que esses migrantes formavam um contingente de pessoas a desenvolver serviços que o americano médio recusava desempenhar: babás, jardineiros, vigilantes, entregadores de pizza, pedreiros e motoristas de Uber.

Frente a esses fatos, e refletindo sobre a necessidade de recristianizar os EUA por meio da leitura da Bíblia, fica a pergunta: qual a compreensão que Donald Trump e os bilionários que o circundam nesse novo mandato têm da Palavra de Deus? Não estaria ela associada à Teologia do Domínio, tão em voga não somente nos EUA, mas também em boa parte dos países latino-americanos, a serviço do sistema econômico neoliberal? E os neopentecostais que a adotam, estariam conscientes de que essa teologia emergiu como resposta aos interesses políticos do Partido Republicano, em sua saga de recuperar o espaço perdido ao Partido Democrata durante o período 1960-1970? Posto que a Palavra de Deus está presente nas Sagradas Escrituras — as quais não estão apartadas dos interesses humanos e são sempre passíveis de novas interpretações — qual o fundamento primordial da revelação cristã, que não pode ser negado, sem o qual uma interpretação bíblica é passível de uma flagrante contradição?

José Comblin, em *A força da Palavra* (1986), lança luzes sobre o modo como os diferentes discursos a serviço da evangelização se formaram ao longo da história e os contextos sociopolíticos em que foram elaborados e os interesses econômicos que os impulsionaram. Nesse livro, Comblin se propõe analisar, em diferentes períodos da história, os discursos que se formaram no intuito de converter diversas esferas da sociedade ao seguimento de Jesus. Lançando mão da premissa de que a ação do Espírito Santo, a serviço do Reinado de Deus, não pode ser “lida” fora das ações humanas, Comblin procura analisar as distintas formações discursivas que emergem da missão evangelizadora, tendo o cuidado de mostrar quais delas são mais fiéis à revelação da vontade de Deus ao longo da História da salvação e quais aquelas que se desviaram da mensagem e do testemunho de Jesus, considerados pela tradição cristã como ápice (plenitude) dessa revelação (Dei Verbum, n. 2).

Como exemplo, podemos citar o discurso da missão voltado para a classe dirigente durante a Cristandade (do século IV ao século XV). Segundo ele, o discurso missionário dirigido à classe dirigente dizia que “o imperador é o defensor dos pobres, das viúvas e dos órfãos, o protetor dos desamparados, o consolo dos aflitos, aquele que até pode curar os doentes, dar vida aos cegos, abraçar os leprosos” (Comblin, 1986, p. 149). O problema desse discurso, presente também na Teologia do Domínio, é que ele deixa os pobres passivos, sempre à mercê da “boa vontade” dos ricos, colocando à deriva a iniciativa inaugurada por Moisés (Ex 3, 11-12).

Conforme Comblin, a teoria imperial exalta os pobres porque por meio deles se exalta o poder do rei: os pobres devem existir para que o rei possa defendê-los. Ao lado do rei estão os oficiais do exército e os nobres. Há, portanto, uma centralização do poder. Os nobres estão ao lado do rei “para consolidar o poder, lutar com ele contra os inimigos e reprimir os pecadores dentro das fronteiras” (Comblin, 1986, p. 149). Decorrente do modo guerreiro, tão próprio à Cristandade medieval, aparece também o discurso missionário voltado para essa classe. “As Cruzadas serviram ao mesmo tempo para identificar os inimigos de Cristo, situar a ação de defesa da Cavalaria, e santificar o uso das armas” (Comblin, 1986, p. 150). Não obstante, com esse discurso voltado para a conversão da elite “a Igreja consolidou o poder do

feudalismo, a sua dominação sobre os camponeses. Ajudando os nobres, ela se esquecia de ajudar os camponeses. O ideal dos Cavaleiros não deixava nada para esses camponeses explorados implacavelmente pelo sistema feudal” (Comblin, 1986, p. 151). Muito embora houvesse santos entre reis e cavaleiros (São Luís de França foi um deles), a maioria estava longe do modelo virtuoso pregado pelo evangelismo monacal. “Incansavelmente os monges lamentaram os excessos de seus ex-alunos, procuraram levá-los a uma sincera contrição, mas pouco puderam fazer para limitar de fato o regime feudal” (Comblin, 1986, p. 152).

Seguindo os estudos comblinianos sobre o discurso missionário dirigido às elites durante a Cristandade, assim como as análises de Pereira a respeito dos discursos elaborados pelo Reconstrucionismo e pela Teologia do Domínio no contexto atual, cabe perguntar: qual seria o critério para revelar a falácia presente nesses discursos e o equívoco da interpretação bíblica que lhes serve de fundamento? Para Comblin, a resposta se encontra não no discurso litúrgico em que a palavra de Deus é exaltada, celebrada, mas na palavra de Deus que ilumina a vida daqueles que constantemente clamam por justiça e dirigem um grito surdo a Deus. A Palavra de Deus é a promessa de um futuro que ainda não existe para os que clamam por justiça (Ex 3, 7-10). Comblin, no primeiro capítulo de *A Força da Palavra*, procura mostrar que, diferentemente da maioria dos livros de história que conhecemos, a Bíblia é a história dos pobres, do grito surdo dos pobres dirigido a Deus e como o Deus de Moisés, de Abraão e de Jesus ouve aquilo que, para a maioria dos seres humanos, mostra-se inaudível. A Bíblia trata, portanto, da História do Povo de Deus que é o Povo dos pobres e da resposta de Deus ao seu clamor (Comblin, 1986, p. 19).

Para Comblin (1986, p. 32), o clamor de Jesus na cruz é o mesmo clamor do Povo do antigo Israel dirigido a Deus. Não é um clamor litúrgico, mas um clamor dos pobres desde as origens de Israel. E as Sagradas Escrituras atestam a ação do Espírito presente junto àqueles que vivem numa condição de opressão e de pobreza. O Espírito Santo de Deus não está presente naquele que diz que Deus está a seu lado porque é vitorioso; ao contrário, Ele se manifesta na história por meio da voz profética, que não defende os interesses daquele de quem a profere, mas o direito dos pobres. Os profetas

não recebem revelações para si próprios, mas em função da preservação da vida do Povo de Deus, que é o Povo dos pobres que clamam a Deus. Segundo Comblin, há uma tendência, presente na tradição teológica, eclesial e clerical, de desencarnar os profetas. Hoje, uma parte considerável do clero mais jovem tende a “espiritualizar” a palavra dos profetas, na perspectiva de exaltar o cristianismo em detrimento das outras denominações religiosas, tidas como idólatras. Esse seguimento descontextualiza a Palavra de Deus, sem saber que, ao fazê-lo, coloca à deriva a essência mesma dessa palavra. Seus adeptos criticam os teólogos da libertação sem nem mesmo tê-los lido, acusando-os de reduzir a divindade de Jesus, sem saber, contudo, que foram esses teólogos os que mais facilmente, e sem complexos de modernidade, aceitaram e proclamaram a divindade de Jesus em seu diálogo com o mundo secularizado (Comblin, 1986, p. 37).

No entanto, sabendo que palavra e ação não podem se opor, os teólogos da libertação estão convencidos de que é da contemplação da humanidade de Jesus que procede a compreensão de sua missão (Comblin, 1986, p. 37). E a missão de Jesus é refazer o verdadeiro Israel a partir dos pobres da Galileia e libertá-los do jugo dos seus dominadores. Jesus critica os líderes religiosos de Israel por serem maus pastores (Comblin, 1986, p. 40). Eles voltam sua atenção para alguns poucos e deixam o povo abandonado, como ovelhas sem pastor (Mt 9, 36). Segundo Comblin, o Reino de Deus é feito para os pobres, com os pobres e a partir dos pobres. Jesus não os vê como coadjuvantes passivos na construção do Reino do Pai, mas como protagonistas de um novo modo de ser e estar no mundo. Apesar das diferentes aplicações dos evangelistas dos ditos de Jesus (logia), há uma mensagem uníssona: a boa notícia dirigida aos pobres (Lc 4, 18), que se transforma também numa boa notícia para todo o Povo (Lc 2, 10). O Povo de Israel é dos pobres: eles são os eleitos e o reino vem para eles. A missão, portanto, de seus discípulos será persuadir os pobres, em primeiro lugar, a se libertarem dos falsos profetas e a seguirem o verdadeiro pastor: Jesus Cristo, no qual palavra e ação, promessa e realização se unem — a palavra do clamor dos pobres e a palavra que é mensagem de libertação dos pobres (Comblin, 2023, p. 45). Sem ser exclusiva, esta mensagem é também uma boa notícia para todos os homens e mulheres

de boa vontade, os que estão cientes de que a paz na terra não se constrói sem que seja feita justiça aos pobres (*Populorum Progressio*, n. 5).

A liberdade

Em A Vocação para a Liberdade, Comblin é taxativo:

A opção pelos pobres será em breve uma fórmula sem conteúdo se não se aprofundarem as suas raízes no núcleo central do Cristianismo. Esse núcleo central é o evangelho de Paulo e o de João, a vocação para a liberdade (1998, p. 11).

Para o teólogo belga radicado no Brasil, a Igreja que se diz cristã, em especial, a católica, somente poderá recuperar a sua identidade pelo retorno ao evangelho, respondendo não aos interesses do mercado, mas à “expectativa mais profunda de verdadeira libertação” (Comblin, 1998, p. 11). Retomando a vocação à liberdade de todo o Povo de Deus e sendo fiel ao segundo capítulo da Constituição Conciliar *Lumen Gentium*, Comblin aponta para a necessidade de preparar grupos de cristãos realmente “transformados e libertos pelo evangelho, para que possam ser fermento de uma nova sociedade no mundo” (Comblin, 1988, p. 11). Não se trata, portanto, de uma libertação de cunho litúrgico, que procura ressuscitar um passado de cristandade medieval, mas de um trabalho de formação consistente que prepare “um laicato adulto testemunha do verdadeiro evangelho de Cristo” (Comblin, 1998, p. 11). Partindo da Carta de São Paulo aos Gálatas, em que o Apóstolo lembra aos cristãos da Galácia e, por conseguinte, a todos os cristãos de que foi “para a liberdade que Cristo nos libertou” (5,1), Comblin traça um itinerário histórico sobre o anseio de liberdade nas comunidades cristãs, desde a Grécia antiga até os tempos atuais. Relembra, ao tratar da relação de Jesus com a liberdade e a libertação, a partir das contribuições de Juan Luís Segundo, Jon Sobrino e Leonardo Boff, que o papel político de Jesus não se referia ao império romano, e “sim ao sistema religioso-político de Jerusalém que oprimia o povo israelita da Palestina (sacerdotes, escribas, fariseus e anciãos). Sem serem propriamente políticas (no sentido de partidarismos), mas suscitando posicionamentos e atitudes políticas, as palavras e as ações de Jesus são messiânicas, isto é, exprimem um desejo de emancipação à “submissão às categorias de quem tinha usurpado o poder em Israel”

(Comblin, 1998, p. 39). Jesus não tinha uma estratégia política e nem um plano político para destituir um poder e colocar outro no lugar. Ele queria primeiro ser livre e conquistar sua liberdade. Por conseguinte, impulsionava seus discípulos a se tornarem livres também e conquistarem sua liberdade. Em primeiro lugar, veio para despertar nos discípulos sua vocação à liberdade e, conseqüentemente, a conquistarem a libertação de todas as formas de dominação (Comblin, 2010, p. 115).

Jesus atendeu a um chamado: despertar nas ovelhas perdidas de Israel, um povo ainda na escravidão depois de mais de mil anos, o sonho de liberdade. Tal qual Moisés, descobriu que o Deus de Israel estava na origem dessa vocação. Ela era um apelo e o apelo era irresistível. Assim, “a vocação de Jesus não era proposta, era exigência, necessidade” (Comblin, 1998, p. 41). Para o apóstolo Paulo, “a vocação para a liberdade é a novidade do evangelho de Cristo, a conclusão final de toda a história bíblica, o fundamento da nova existência para a humanidade toda” (Comblin, 1998, p. 43). Diante da dificuldade de traduzir para os gregos o discurso sobre o Reino de Deus, núcleo central da mensagem de Jesus, Paulo o traduziu por liberdade. No contexto grego, Reino de Deus significa um modo de ser que se opõe à escravatura e toda relação de dominação, inclusive o vínculo de dominação estabelecido pela Lei. Este tema, assim como o do Evangelho de João, Comblin trabalha também em *A Liberdade Cristã* (2010). Em *A Vocação à Liberdade*, Comblin traça um itinerário histórico dessa vocação para a liberdade e como ela tomou forma ao longo dos dois últimos milênios.

Os temas bíblicos de libertação entraram na teologia da libertação, sendo integrados, por exemplo, nos textos das assembleias de Medellín e de Puebla, porém eliminados nos textos de Santo Domingo (1992). Os dois documentos publicados pela Congregação da Doutrina da Fé em 1984 e 1986 na prática somente destacam os aspectos negativos da liberdade, e constituem advertências antes do que pistas para a ação. Manifestam de novo o retorno à atitude de desconfiança para com a liberdade. Entre esses documentos e a encíclica *Libertas* de Leão XIII (1888) não se nota nenhum progresso significativo. Esses dois documentos atribuem semelhança entre a

libertação Latino-Americana e o conceito marxista de libertação (Comblin, 1998, p. 226).

Não é possível determinar um único modo de atingir a libertação, assim como desejava os líderes do soviete supremo da antiga URSS. Não há um modo único de agir com liberdade. Como diz Comblin, “as ocasiões são oferecidas pela história” (Comblin, 1998, p. 259). Ao invés de fugir dos desafios, as pessoas livres são aquelas que entraram no jogo da história, sabendo aproveitar o momento decisivo que abriu os horizontes de uma vida nova.

A ação

Inferir a ideia da existência de um Deus estático, paralisado e sem movimento no pensamento de Comblin é impossível. Para ele, Deus é essencialmente ação e a tarefa da teologia cristã se caracteriza em investigar e tornar clara tal ação que liberta e transforma, principalmente, a vida humana. Na obra *O Tempo da Ação* (1982), encontra-se um ensaio a respeito da ação do Espírito Santo na história. Trata-se de uma abordagem profunda da pneumatologia cristã fortemente vinculada ao ser humano. O papel do Espírito Santo - que por muitos séculos foi regelado a uma participação coadjuvante na construção teológica, sendo apenas invocado como iluminador para a inteligência humana que visa à construção de métodos e sistemas - assume, para o teólogo, o locus fontal da vida humana. Esta é mantida pela ação do Espírito, que habita o coração, e cada ação que não promove a vida não parte do Espírito e, em alguma medida, com Ele rivaliza.

Nesse sentido, é possível perceber nos mais variados ambientes - também eclesiais - uma volta a um antropocentrismo cego e infrutífero que dispensa a ação de Deus para concentrar-se tão somente na ação humana - limitada e precária. Tal contexto permite criar individualismos prepotentes, sistemas excludentes e religião subserviente com o poder divisor. Os genocídios atuais oriundos das guerras, a migração forçada da terra e a inclinação ao sistema econômico financiador do poder bélico são todos antíteses da ação e presença do Espírito no mundo.

Com profundidade e ao mesmo tempo com aguçada visão profética, Comblin estuda a mediação da ação do Espírito na história da salvação - para

analisar a Sociedade e a Igreja Latino-Americana. O caminho analítico já está forjado e deixado como herança. Pode ser utilizado com segurança uma vez que o Espírito faz enxergar a Verdade, promove a Verdade que à luz do Evangelho é Jesus e sua prática libertadora. Num continente tipicamente marcado pela indiferença da ação do Espírito, apesar de se dizer cristão, a ação evangelizadora é fadada paralisar-se no tempo. Onde não há ação, movimento do Espírito, existe paralisia. O radicalismo na defesa de pautas de costumes, quer seja dos governos ou de movimentos eclesiais, desemboca na ilusão de que se pode fazer história a partir de convicções pessoais, mesquinhas e impotentes. A ação humana, que prescinde da ação do Espírito, não é capaz de realizar mudanças senão as que são “compatíveis com a continuidade do passado” (Comblin, 1982, p. 192), repetindo erros e impedindo acertos, pois miram na formiga e deixam passar um elefante.

A ação do Espírito é a que mantém a vivacidade da Igreja, presente na missão profética da comunidade de fé que deriva exclusivamente da ação carismática. Na obra *A profecia na Igreja*, Comblin (2008, p. 31) afirma que o profetismo e os profetas sempre serão uma “referência permanente ao Povo de Deus”. O lugar de maior incidência da palavra profética de Deus está relacionado à denúncia das injustiças, especialmente as praticadas contra o pobre. Denunciar a presença das injustiças na sociedade e nas estruturas religiosas praticadas especialmente pelas lideranças sociais e religiosas não deixa de ser ao mesmo tempo uma convocação, uma exigência e uma atitude espiritual (Bright, 2014, p. 348).

Como diz Comblin (2008, p. 33), os profetas “são pessoas que expressam a exigência da justiça de Deus”. A sensibilidade do profetismo e, por conseguinte, de todos os profetas, está justamente em fazer uma relação entre a vida social e a vida espiritual. Não somente se ocupa desta última, voltando tão somente o coração a Deus e a sua Palavra, esquecendo-se da pessoa enquanto lugar da presença de Deus, mas exigindo de todos a prática da justiça, sem distinções e sem concessões (Cf. Comblin, 2008, p. 33). Comblin alude que ninguém espera pelos profetas. Eles são enviados com mandato de Deus. A Palavra de Deus transmitida pelos profetas é preenchida com a história de vida e a percepção do próprio profeta, seja qual for o

período histórico, seja no passado ou no presente. A percepção contextualizada do profeta confere vida e ação à Palavra de Deus, tornando-a compreensível e aceita por quem a ouve, e constrangedora para quem a rejeita. De certo, para todos os que procuram realizar uma análise profunda da atualidade, seja no contexto social ou no eclesial, a pneumatologia combliniana caracteriza um instrumental de grande utilidade para uma leitura atenta dos sinais dos tempos.

A Comunidade/Povo de Deus

Com uma perspectiva eclesiológica acurada, Comblin percebeu que o Concílio Vaticano II se caracterizou como um grande acontecimento. A Igreja foi movimentada pelo Concílio Vaticano II, do qual brotou uma compreensão da Igreja centrada na noção bíblica do Povo de Deus. No entanto, tal convicção não é amplamente difusa. Para os Padres Conciliares, era preciso receber a Teologia do Povo de Deus com profundidade e rapidez previstas. Mas não foi esse o caso. À medida que para muitos o Concílio representou um período de renovação, para outros, representou um retrocesso e um esforço desnecessário. Comblin nunca interpretou o Concílio Vaticano II como uma ruptura com a Tradição e o Magistério precedentes. Em vez disso, percebia a intervenção do Espírito Santo nas atividades conciliares e numa Igreja peregrina.

É certo que, mais tarde, o Concílio teria que ser assimilado e adaptado às realidades eclesiais globais. De acordo com Alzirinha e Aragão (2018, p. 670), Comblin interpretou o Concílio "além de um evento registrado em seus documentos, como a prática de um novo dinamismo eclesial, que deveria ser continuamente aprimorado e vivenciado pela Igreja". Quando escreveu sobre a recepção e atualização do Concílio, fez críticas, particularmente ao clericalismo, que, em diversos aspectos, impediu a produção e colheita dos frutos da eclesiologia conciliar. Ainda assim, nunca duvidou de que o Concílio Vaticano II representasse uma autêntica ação eclesial, válida e genuína, pois encontrava nele explicitada a Teologia da Igreja como Povo de Deus.

Na obra *O Povo de Deus* (2002), Comblin se esforça em revisitar adequadamente o Concílio Vaticano II, quando afirma que aqueles e aquelas

que não entenderam a importância da compreensão da Igreja como Povo de Deus, é porque não conseguiram compreendê-lo em toda sua extensão existencial. Para ele, o conceito de Povo de Deus é a chave hermenêutica tanto para uma correta interpretação quanto para a recepção do Concílio. Sendo assim, é possível afirmar que as mudanças conciliares são substanciais e provocadoras quando partem da noção de Igreja como Povo de Deus (Comblin, 2002, p. 20).

Comblin está entre os que se empenharam para assimilar e atualizar o Concílio Vaticano II, aceitando o espírito de renovação sugerido por essa assembleia à luz de sua própria existência, ou seja, dentro de seu contexto particular. Este comportamento é proveniente de quem realmente acredita na capacidade transformadora da comunidade eclesial que o Concílio estabeleceu. Para ele, o entendimento da Igreja como comunidade que reúne o Povo de Deus representou um novo tempo e o começo de uma missão que ainda se desenvolve como um catalisador para transformações eclesiais profundas.

De maneira mais clara, o teólogo declara que o Povo de Deus, a partir do Vaticano II, deve ser também uma comunidade de vida completa. Trata-se de uma proposta de união entre a fé e a vida. A vivência em comunidade, com suas dores e angústias, estimula atitudes mais humildes que buscam ver o outro não como inferior ou alguém que precisa ser subjugado. Felizmente, "o Concílio fechou as portas para o individualismo" (Comblin, 2002, p. 147), que impede a experiência do amor fraterno em comunidade, ou, pelo menos, criou condições para esse esforço.

Enquanto comunitária, o serviço junto ao Povo de Deus não estaria mais voltado para a manutenção das estruturas eclesiais, tais como dioceses, paróquias, secretarias paroquiais e cúrias diocesanas. O elemento novo começa a se manifestar de maneira mais marcante: a preocupação com o próximo. Certamente, a unidade da Igreja é alcançada através da "comunhão de fé, sacramentos e governo" (Comblin, 2002, p. 147). Esta "união promove a comunhão espiritual" (Comblin, 2002, p. 147), que ocorre após a comunhão humana. A comunhão espiritual sem a participação humana é inconsistente, sem conteúdo e se apresenta de maneira ilusória como uma tentativa

mentirosa de unidade. É preciso superar as "barreiras de uma unidade formal, distante da vida autêntica" (Comblin, 2002, p. 148) e se conectar com o outro.

Segundo Comblin, a comunidade de fé engloba não apenas a comunhão humana, mas também a comunidade corporal. A Igreja não pode ser estruturada como uma comunidade de pessoas sem a dimensão do contato pessoal. No começo de sua existência, a Igreja era uma comunidade de indivíduos que se uniam em uma comunidade de fé por meio da execução dos sinais tipicamente cristãos, isto é, os Sacramentos. Assim, a comunidade de indivíduos era uma comunidade de vida integral, devido à partilha de vida, convivência e vivência humana.

A grande esperança missionária reside na consolidação das comunidades cristãs de base. A dedicação de Comblin como missionário consistiu em utilizar o fervor evangélico que habitava seu coração como um instrumento de aproximação com os mais vulneráveis. Ele acreditava que essa ação não poderia ser realizada individualmente, mas sempre em grupo. Também esteve sempre rodeado de muitas pessoas e comprometido, sobretudo, com as mais pobres. Por sua vida e sua obra, ele oferece um grande contributo para a perpetuação da eclesiologia renovadora do Concílio, principalmente ao recebê-la, atualizá-la e nos impelir a fazer o mesmo, para o bem de nosso tempo e das futuras gerações.

Considerações finais

Ao retomar as cinco notas da pneumatologia combliniana, quisemos oferecer às novas gerações as coordenadas para ler as obras e contemplar a vida de alguém que se deixou guiar pelo Espírito, como bem nos fez enxergar Monica Muggler (2013), ao escrever uma biografia sobre Comblin. Quem sabe este artigo não motive ainda mais aqueles que já o leram a estudá-lo e a disseminar seu pensamento junto a leigos e leigas que procuram um maior equilíbrio entre culto e seguimento de Jesus Cristo, sabendo que o anseio do mestre de Nazaré era o seguimento: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus! (..) Uma coisa ainda te falta. Vende tudo o que tens, distribui aos pobres e terá um tesouro nos céus; depois vem e segue-me” (Lc 18, 19; 22).

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. 2ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2002.

BOSSCHAERT, Dries. La “théologie des réalités terrestres” de Gustave Thils”: une construction théologique complétée par une approche sociétale? *Revue Théologique de Louvain*, n. 47, p. 353-377, 2016.

COMBLIN, José. *A força da Palavra*. Petrópolis: Vozes, 1986.

COMBLIN, José. *A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COMBLIN, José. *A liberdade cristã*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.

COMBLIN, José. *A vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.

COMBLIN, José. *O neoliberalismo: ideologia dominante na virada do século*. Petrópolis: Vozes, 2000.

COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, José. *O tempo da ação*. Ensaio sobre o Espírito e a História. Tradução de Celina Monteiro. Petrópolis: Vozes, 1982.

COMBLIN, José. *Théologie de la Révolution*. Paris: Ed. Univ., 1970.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

DONALD Trump afirma que EUA estão perdendo o Cristianismo e recomenda leitura da Bíblia. 29 de março de 2024. *Jornal da Record*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zUUiNKjnC0w>. Acesso em 29 de janeiro de 2025.

EUA vão assumir controle de Gaza, defende Trump ao lado de Netanyahu. *Folha de São Paulo*. 05 de fevereiro de 2025, p. A28.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Aula de 14 de março. Curso ministrado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b, p. 297-327.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes. 2021.

KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque: ascensão do capitalismo de desastre*. Tradução de Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MUGGLER, Monica. *Padre José Comblin*. Uma vida guiada pelo Espírito. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013.

PRESOS por Biden, deportados por Trump: imigrantes dão relatos à CNN. *CNN*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/presos-por-biden-deportados-por-trump-imigrantes-dao-relatos-a-cnn/>. Acesso em 29 de janeiro de 2025.

SOUZA, Alzirinha Rocha; ARAGÃO, Gilbraz de Souza. Fazer a Igreja Católica se mover: a pertinência do Evangelho no mundo contemporâneo. *Revista Paralellus - Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, 9 (22), 2018, p. 670. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1324>. Acesso em 06 de fevereiro de 2025.

STEVE Bannon comanda ataque orquestrado ao papa e a suas ideias. *Carta Capital*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/steve-bannon-comanda-ataque-orquestrado-ao-papa-e-a-suas-ideias/>. Acesso em 29 de janeiro de 2025.

THILS, Gustave. *Théologie des réalités terrestres*. V. I. Préludes. Bruges - Paris: Desclée De Brouwer, 1947.

Trabalho submetido em 26/02/2025.
Aceito em 18/06/2025.

Edelcio Serafim Ottaviani

Doutorou-se em Filosofia pela Université Catholique de Louvain (1996) onde adquiriu seu título de mestre em 1992, sob a orientação do Prof. André Bertein. Defendeu sua dissertação de mestrado em Teologia Sistemática pela PUCSP em maio de 2013, sob a orientação do Prof. Dr. Cônego Antonio Manzatto. Possui graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção-UNIFAI (1984), Bacharelado em Teologia pela Faculdade Dehoniana (2011). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1060-3908>. E-mail: eottaviani@pucsp.br

Anderson Frezzato

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Teologia pela Puc-SP. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2006) e graduação em Teologia pela Faculdade Dehoniana (2014). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6479-6680>. E-mail: afrezzato@gmail.com